

Índice

Primeira parte

— p. 9 —

No hospital — Obituário — Odisseia do crânio de Thomas Browne
— Aula de Anatomia — Levitação — Quinas — Seres fabulosos
— Cremação

Segunda parte

— p. 31 —

A automotora a gasóleo — O palácio de Morton Peto — Visitante
em Somerleyton — As cidades alemãs em chamas — O declínio de
Lowestoft — *Kannitverstan* — A estância balnear de outrora — Fre-
derick Farrar e a pequena corte de Jaime II

Terceira parte

— p. 49 —

Pescadores na praia — Da história natural do arenque — George
Wyndham Le Strange — Uma grande vara de porcos — A duplica-
ção do ser humano — *Orbis Tertius*

Quarta parte

— p. 69 —

A batalha naval de Sole Bay — Cair da noite — Haia, Stationsweg — Mauritshuis — Scheveningen — Túmulo de São Sebaldo — Aeroporto de Schiphol — Invisibilidade do ser humano — Sailors' Reading Room — Imagens da Primeira Guerra — O campo de Jasenovac junto ao Sava

Quinta parte

— p. 93 —

Conrad e Casement — O menino Teodor — Exílio em Vologda — Novofastov — Morte e funeral de Apollo Korzeniowski — Vida de mar e vida amorosa — Regresso a casa invernal — O coração das trevas — Panorama de Waterloo — Casement, a economia escravagista e a questão irlandesa — Processo por alta traição e execução

Sexta parte

— p. 121 —

A ponte sobre o Blyth — O comboio da corte chinesa — Revolta dos Taipings e abertura do Império do Meio — Destruição do jardim Yuan Ming Yuan — Fim do imperador Xianfeng — A imperatriz-viúva Cixi — Segredos do poder — A cidade afundada — O pobre Algernon

Sétima parte

— p. 147 —

A charneca de Dunwich — Marsh Acres, Middleton — Infância berlinense — Exílio inglês — Sonhos, afinidades eletivas, correspondências — Duas histórias singulares — Através da floresta virgem

Oitava parte
— p. 167 —

Conversa sobre o açúcar — Boulege Park — Os FitzGerald — Quarto de criança de Bredfield — O passatempo literário de Edward FitzGerald — *A Magic Shadow-Show* — Perda de um amigo — Desfecho dos anos — Uma partida de dominó — Recordação irlandesa — Sobre a história da guerra civil — Incêndios, empobrecimento e declínio — Catarina de Siena — Culto dos faisões e empreendedorismo — Através do deserto — Armas de destruição secretas — Num outro país

Nona parte
— p. 207 —

O Templo de Jerusalém — Charlotte Ives e o visconde de Chateaubriand — Memórias de além-túmulo — No cemitério de Ditchingham — Ditchingham Park — O furacão de 16 de outubro de 1987

Décima parte
— p. 233 —

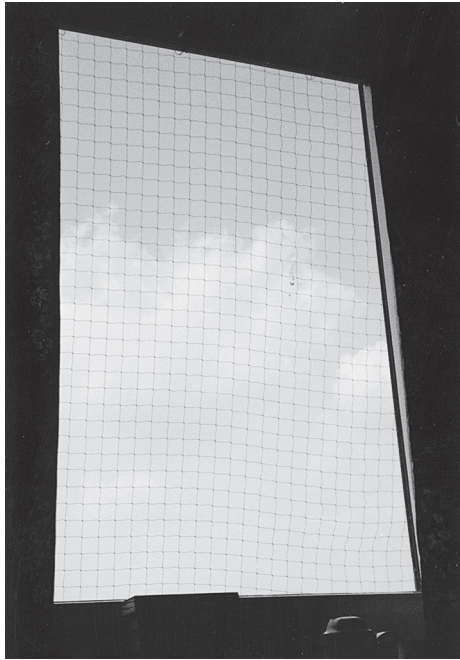
O *Museum Clausum* de Thomas Browne — A mariposa do bicho-da-seda *Bombyx mori* — Origem e difusão da sericultura — Os tecelões de seda de Norwich — Doenças psíquicas dos tecelões — Amostras de tecidos: natureza e arte — A sericultura na Alemanha — O trabalho da matança — Seda de luto

Notas de Tradução
— p. 257 —

I

Em agosto de 1992, estavam os grandes calores a chegar ao fim, fiz uma viagem a pé pelo condado de Suffolk, no Leste da Inglaterra, na esperança de conseguir escapar ao vazio que em mim ia alastrando após a conclusão de um trabalho de grande vulto. Esta esperança cumpriu-se até certo ponto, pois raras vezes me senti tão livre como naquela altura em que andei a deambular horas e dias a fio pelas áreas em parte só escassamente povoadas que se estendem da costa para o interior. Por outro lado, contudo, parece-me agora que a velha crença supersticiosa de que certas doenças da alma e do corpo tendem a fixar-se em nós sob o signo do Cão Maior será, possivelmente, justificada. De qualquer modo, no período subsequente não me saía da cabeça a recordação da bela liberdade de andar de um lado para o outro nem a do horror paralisante que se apossara de mim de diferentes maneiras em vista dos traços de destruição que, mesmo nesta região remota, remontavam até muito atrás no passado. Talvez fosse por isso que, exatamente um ano após o início da minha viagem, fui internado, num estado de quase completa anquilose, no hospital de Norwich, uma capital de província, onde, pelo menos em pensamentos, comecei então a escrever as páginas que se seguem. Recordo-me com toda a nitidez de como, logo a seguir ao internamento, fui dominado, no meu quarto, situado no oitavo andar do hospital, pela ideia de que os vastos espaços que percorrera no Suffolk no começo

do verão se haviam reduzido agora em definitivo a um único ponto cego e surdo. Com efeito, do meu leito nada mais se via do mundo do que o pedaço de céu desbotado na moldura da janela. O desejo



que, no decurso do dia, me possuía já repetidamente de me certificar desta realidade que, como receava, se me desvanecera para sempre, lançando um olhar por esta janela de hospital estranhamente tapada com uma rede negra, tornou-se tão forte, ao cair do crepúsculo, que, após, nem sei bem como, meio de barriga para baixo, meio de lado, ter conseguido escorregar da borda da cama para o chão e chegar à parede a gatinhar, me endireitei, apesar das dores que isso causava, puxando-me a custo para cima agarrado ao parapeito da janela. Na atitude crispada de um ser que, pela primeira vez, se ergueu do chão, fiquei então de pé encostado à vidraça e, involuntariamente, não consegui deixar de pensar na cena em que o pobre Gregor, agarrando-se, de perninhas trementes, ao espaldar da cadeira, olha da janela do seu quarto para fora, numa vaga recordação, como pode ler-se, do sentimento de libertação que olhar pela janela outrora representava.

E, tal como Gregor já não reconheceu com os seus olhos turvados a tranqüila Charlottestraße, em que havia anos vivia com os seus, e a confundiu com um ermo cinzento, também a mim a cidade familiar, que se estendia dos pátios exteriores do hospital até à lonjura do horizonte, me pareceu inteiramente estranha. Não conseguia imaginar que houvesse ainda alguma coisa a mexer-se naquele emaranhado de prédios lá em baixo, o que julgava era que estava a olhar de uma falésia para um mar de pedra ou um campo de cascalho, donde se destacavam as massas escuras dos silos-auto como gigantescos blocos de rocha. A esta hora pálida do entardecer, não se via ninguém a passar nas imediações, salvo uma enfermeira que, a caminho do turno da noite, atravessava naquele momento o lúgubre relvado diante da entrada. Uma ambulância com uma luz azul, dobrando devagar várias esquinas, dirigia-se para as urgências vinda do centro da cidade. O som da sirene não chegava cá acima até mim. Nas alturas em que me encontrava, eu estava rodeado por um silêncio quase completo, por assim dizer artificial. Só se ouvia o vento que varria a região embater lá fora na janela e, às vezes, quando também este ruído sossegava, o sibilar nos próprios ouvidos que nunca abrandava.

Hoje, ao começar a passar a limpo as minhas notas, mais de um ano após ter tido alta do hospital, vem-me inevitavelmente à ideia que, naquela altura, no momento em que olhava do oitavo andar para baixo, para a cidade que se afundava no crepúsculo, Michael Parkinson ainda estava vivo na sua casa acanhada de Portersfield Road, ocupado, provavelmente, como de costume, com a preparação de uma aula ou com o seu estudo sobre Ramuz, que havia já muitos anos trazia em mãos. Michael andava perto dos cinquenta anos, era solteiro e, julgo, uma das pessoas mais inocentes com que alguma vez me cruzei. Nada lhe era mais estranho do que o egoísmo, nada o preocupava tanto como o cumprimento do seu dever, que, devido às condições havia algum tempo reinantes, se ia tornando cada vez mais difícil. Mas, mais do que tudo o resto, caracterizava-o uma frugalidade sobre a qual havia quem dissesse que roçava o excêntrico. Numa época em que a maioria das pessoas tem de passar a vida a fazer compras para se

manter, Michael praticamente nunca ia às compras. Ano após ano, desde que eu o conhecia, usava alternadamente um casaco azul-escuro e um cor de ferrugem, e, quando as mangas estavam desmanchadas ou os cotovelos coçados, ele próprio pegava em agulha e linha e cosia um remendo de couro. Parece até que virava os colarinhos das camisas. Nas férias de verão, Michael fazia regularmente longos passeios a pé, relacionados com os seus estudos sobre Ramuz, pelo Valais e pelo Vau, por vezes também pelo Jura e pelas Cévennes. Muitas vezes, quando regressava de uma dessas viagens ou quando eu admirava a seriedade com que sempre executava o seu trabalho, parecia-me que, à sua maneira, ele encontrara a felicidade numa forma de simplicidade entretanto já quase inconcebível. Mas, depois, correu de repente em maio passado que Michael, em quem havia alguns dias ninguém punha a vista em cima, fora encontrado morto na cama, deitado de lado e já completamente hirto e com o rosto coberto de estranhas manchas vermelhas. A investigação judicial concluiu *that he had died of unknown causes*, uma sentença à qual acrescentei, de mim para mim: *in the dark and deep part of the night*³. O arrepio de horror que nos percorreu após o falecimento de Michael Parkinson, do qual ninguém estava à espera, atingiu decerto de modo mais grave do que todos os outros a docente de Romanística Janine Rosalind Dakyns, igualmente solteira, pode até dizer-se que ela foi tão incapaz de suportar a perda de Michael, a quem a ligava uma espécie de amizade de infância, que, algumas semanas após a morte dele, sucumbiu ela própria a uma doença que lhe destruiu o corpo num prazo curtíssimo. Janine Dakyns, que morava numa ruazinha mesmo ao pé do hospital, estudara, tal como Michael, em Oxford e desenvolvera ao longo da vida uma ciência em certa medida privada, isenta de qualquer vaidade intelectual e partindo sempre do pormenor obscuro, nunca do que era manifesto, da literatura romanesca francesa do século XIX, especialmente no tocante a Gustave Flaubert, o autor que de longe mais estimava e de cuja correspondência abrangendo milhares de páginas me citava, nas mais diversas ocasiões, longos trechos que me deixavam sempre espantado. De resto, ela, que, ao expor as suas ideias, muitas

vezes caía em estados de entusiasmo que quase causavam preocupação, procurou investigar com o máximo interesse pessoal possível os escrúpulos de escritor de Flaubert, um medo de errar que, como ela dizia, por vezes o agrilhoava semanas e meses a fio ao seu canapé e o fazia reçar que nunca mais fosse capaz de pôr no papel nem sequer meia linha sem se sujeitar à mais embaraçosa das vergonhas. Nessas alturas, dizia Janine, não lhe parecia apenas que qualquer escrita futura estava por completo excluída, convencia-se, além disso, de que tudo o que escrevera até então mais não era do que uma fiada dos erros e falsidades mais indesculpáveis, com consequências incalculáveis. Janine afirmava que os escrúpulos de Flaubert se deviam à estupidificação em imparável crescendo que ele observava e que, assim supunha, contaminara já a sua própria cabeça. Era, terá ele dito certa vez, como se uma pessoa se afundasse na areia. Na opinião de Janine, seria provavelmente esta a razão pela qual, em todas as obras de Flaubert, se atribuía tanta importância à areia. A areia tomava conta de tudo. Havia constantemente, disse Janine, enormes nuvens de pó a pairar pelos sonhos e fantasias de Flaubert, as quais, levantadas sobre as secas planícies do continente africano, se moviam para norte, sobre o Mediterrâneo e sobre a Península Ibérica, até, nalgum momento, pousarem como a cinza de um incêndio no Jardim das Tulherias, num subúrbio de Rouen ou numa cidadezinha de província da Normandia, e penetrarem nos mais minúsculos interstícios. Flaubert, dizia Janine, viu o Saara inteiro num grão de areia da orla de um vestido de inverno de Emma Bovary, e, a seus olhos, cada grãozinho pesava tanto como as montanhas do Atlas. Muitas vezes, ao fim do dia, conversei com Janine sobre a concepção do mundo de Flaubert no gabinete dela, em que havia por todo o lado tais quantidades de apontamentos para aulas, cartas e documentos de toda a espécie que dava a impressão de estarmos no meio de uma enchente de papel. Em cima da secretária, o ponto de partida ou o ponto de convergência original da mágica multiplicação de papéis, nascera, com o passar do tempo, uma autêntica paisagem de papel com montes e vales que, entretanto, se ia partindo nas bordas como um glaciador quando chega ao mar, forman-

do no chão em volta novos depósitos que, por seu lado, se iam deslocando de modo impercetível em direção ao centro da sala. Havia já anos que Janine fora obrigada a retirar-se para outras mesas pelas massas de papel que tinha em cima da secretária e não paravam de crescer. Estas mesas, em cima das quais, de seguida, se haviam consumido processos de acumulação semelhantes, representavam, por assim dizer, eras posteriores da evolução do universo de papel de Janine. Também o tapete desaparecera havia muito debaixo de várias camadas de papel, o papel começara até, partindo do chão, para onde estava constantemente a cair de meia altura, a trepar de novo pelas paredes, que estavam cobertas até à altura da porta com folhas de papel e documentos, cada qual preso apenas por um canto com uma tacha, em parte pregados uns em cima dos outros em maços espessos. Também em cima dos livros das estantes havia, sempre que possível, maços de papel pousados, e todo este papel concentrava em si, à hora do crepúsculo, o reflexo da luz que se desvanecia, como dantes, foi o que pensei certa vez, a neve nos campos sob o céu noturno cor de tinta. O último local de trabalho de Janine foi uma poltrona puxada mais ou menos para o centro do seu gabinete, na qual, quando passávamos pela porta dela, sempre aberta, a víamos sentada, fosse inclinada para a frente a escrever num suporte de escrita que segurava em cima dos joelhos, fosse recostada para trás, perdida em pensamentos. Certa vez que lhe disse que, no meio dos seus papéis, parecia o anjo da *Melancolia* de Dürer, postado, imóvel, entre os instrumentos da destruição, respondeu-me que a aparente desordem das suas coisas representava, na realidade, algo como uma ordem perfeita ou a caminho da perfeição. E o facto é que, por via de regra, conseguia encontrar à primeira o que quer que fosse de que estivesse à procura nos seus livros, nos seus papéis ou na sua cabeça. Foi também Janine que me sugeriu logo o cirurgião Anthony Batty Shaw, seu conhecido da Oxford Society, quando, imediatamente após a minha saída do hospital, comecei as minhas investigações sobre Thomas Browne, que, no século XVII, trabalhou como médico em Norwich e deixou uma série de obras com as quais quase nada há que possa comparar-se. Na altura,

eu deparara na *Encyclopaedia Britannica* com uma entrada em que se dizia que o crânio de Browne se conservava no museu do Norfolk & Norwich Hospital. Por mais indubitável que me parecesse esta asserção, as minhas tentativas de ver o crânio no sítio onde eu próprio estivera de cama até havia pouco não tiveram sucesso, já que, entre as senhoras e os cavalheiros da atual administração do hospital, não havia ninguém que soubesse fosse o que fosse da existência de um tal museu. Além de olharem para mim com plena incompreensão quando apresentei o meu estranho pedido, tive até a impressão de que alguns dos que estava a interrogar me acharam um excêntrico irritante. A questão era que, como se sabe, na época em que, no decurso da modernização geral da sociedade, se edificou os chamados hospitais civis, havia em muitas destas instituições um museu ou, para ser mais exato, um gabinete de horrores, em que se conservava e, ocasionalmente, se expunha ao público fetos e aberrações, hidrocefalos, órgãos hipertrofiados e outras coisas parecidas em frascos de formol para fins de demonstração médica. Só faltava saber onde essas coisas tinham ido parar. No tocante ao hospital de Norwich e ao paradeiro do crânio de Browne, também a secção de história local da biblioteca central entretanto destruída por um incêndio não pôde dar-me nenhuma informação. Só o contacto, por intermédio de Janine, com Anthony Batty Shaw me trouxe o esclarecimento desejado. Imediatamente após a morte, ocorrida, em 1682, no dia do seu septuagésimo sétimo aniversário, Thomas Browne, de acordo com Batty Shaw num artigo que me mandou, recém-publicado no *Journal of Medical Biography*, fora enterrado na igreja paroquial de St. Peter Mancroft, onde os seus restos mortais repousaram até 1840, quando o caixão, ao preparar-se um enterro quase no mesmo sítio do coro, ficou danificado e o seu conteúdo foi em parte trazido à luz. Na sequência deste incidente, o crânio de Browne e uma madeixa do seu cabelo ficaram na posse do médico e membro do conselho paroquial Lubbock, que, por sua vez, deixou as relíquias em testamento ao museu do hospital, onde podiam ser vistas até 1921, no meio de toda a espécie de aberrações anatómicas, sob uma redoma feita de propósito. Só nesse ano se havia